RICSS
Revista Interdisciplinar em Ciência, Saúde e Sociedade

Artigo Original

A noção de repetição no caso freudiano "o homem dos lobos" e algumas de suas implicações para a clínica psicanalítica

The notion of repetition in the freudian case "the wolf man" and some of its implications for the psychoanalytic clinic

Helaine Regina Santos Silva [1]
https://orcid.org/0009-0000-9202-6651
helaineregina539@gmail.com

Kelly Cristina Puertas [1]
https://orcid.org/0009-0007-7406-0646
kelly.puertas@educadventista.org.br

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de analisar a caracterização e o desenvolvimento do conceito de repetição na obra de Sigmund Freud e algumas decorrências dele para a prática clínica psicanalítica, tendo como operador analítico o caso "Homem dos Lobos". Trata-se de uma pesquisa bibliográfica qualitativa de caráter teórico-conceitual, realizada por meio de análise textual de três obras primárias de Freud (História de uma neurose infantil, Recordar, repetir e elaborar e Além do princípio do prazer) e de quatro obras de comentadores (Nagera, Kusnetzoff, Caropreso e Simanke, e Polizeli e Honda), sem coleta de dados empíricos. Os achados demonstram que a repetição se articula de forma linear e coesa em três níveis do caso: clínico-transferencial (atuação fóbica e reatualização de impulsos edipianos e orais-sádicos com o analista); comportamental (escolha de objeto sob a postura a tergo e constipação crônica como encenação de atitude passivo-homossexual em relação ao pai); e metapsicológico (como esforço do ego para ligar retrospectivamente a excitação traumática da Cena Primária). Conclui-se que a compulsão à repetição, na obra de Sigmund Freud, revela-se como uma força biológica e instintual conservadora, anterior e independente do princípio de prazer, cuja amarração energética viabiliza o manejo e a elaboração na transferência clínica.

Palavras-chave: Repetição. Homem dos Lobos. Metapsicologia. Psicanálise freudiana.

Vínculo institucional
1 Faculdade Adventista do Paraná, Ivatuba, Paraná, Brasil.

Submissão: 08/2026
Aceite: 10/2026

Autor correspondente:
kelly.puertas@educadventista.org.br

Introdução

O problema da repetição constitui um dos eixos mais complexos do percurso teórico de Sigmund Freud, tendo sido observado em sua dimensão clínica e fenomenológica desde o nascimento da psicanálise.[1-4] Todavia, a formulação sistemática dessa ideia exigiu de Freud uma profunda revisão metapsicológica, cujo divisor de águas se situa entre os anos de 1914 e 1920.[2,3] No presente trabalho, investiga-se como essa noção de repetição se manifesta e se articula no caso clínico do "Homem dos Lobos" (1918), consagrado como o mais elaborado e importante estudo de caso da literatura freudiana.[1-4]

A relevância do caso ultrapassa a mera exemplificação clínica de uma neurose infantil.[1] No momento de sua publicação, o relato foi central para que Freud demonstrasse empiricamente o papel incontestável da sexualidade infantil e a realidade do complexo de Édipo.[1] No entanto, para além desse debate histórico, o caso do analisando expõe de forma crua as patologias da fixação e as amarras da repetição que governavam rigidamente desde seus sintomas intestinais e escolhas amorosas na idade adulta até suas resistências defensivas no *setting* analítico.[1]

O problema de pesquisa que orienta o presente estudo pode ser formulado na seguinte questão: de que maneira a compulsão à repetição, em suas articulações clínicas, comportamentais e metapsicológicas, constitui a chave interpretativa para a neurose do “Homem dos Lobos” de acordo com a psicanálise freudiana? A justificativa teórica deste trabalho reside na necessidade de resgatar o encadeamento linear desse caso clínico, demonstrando que a repetição não representa apenas um obstáculo à cura, mas a própria via de acesso e instrumento fixado do trauma psíquico no aparelho mental.[4-5]

A importância deste estudo para a *Revista Interdisciplinar em Ciência, Saúde e Sociedade* (RICSS) assenta-se em sua perspectiva teórico-conceitual. Esta promove uma articulação rigorosa entre a clínica psicanalítica e a epistemologia da saúde mental, na medida em que os desdobramentos do caso serviram de base para o estabelecimento futuro de uma teoria sólida a respeito da repetição (*actings*) – tão relevantes na clínica na época e também hodiernamente.

Ao lançar luz sobre os mecanismos do adoecimento e a persistência de sintomas crônicos que desafiam os modelos simplistas de tratamento, esta pesquisa oferece subsídios para que profissionais e pesquisadores das ciências humanas e da saúde compreendam o sofrimento psíquico em sua dimensão mais profunda e singular, enriquecendo o debate a respeito do papel da repetição para a elaboração na clínica psicanalítica.

Método

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de natureza básica, de abordagem qualitativa e caráter teórico-conceitual, desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica. O estudo teve como objeto central o caso clínico do “Homem dos Lobos”, apresentado por Sigmund Freud em *História de uma neurose infantil* (1918), buscando investigar a noção de repetição a partir de sua formulação e desenvolvimento na obra freudiana.

Para a construção da análise, foram selecionadas sete obras, das quais três textos de Sigmund Freud – *História de uma neurose infantil* (1918), *Recordar, repetir e elaborar* (1914) e *Além do princípio do prazer* (1920) – e quatro trabalhos de Nagera (1970), Kusnetzoff (1982), Caropreso e Simanke (2006) e Polizeli e Honda (2023) que abordam conceitos relacionados à teoria psicanalítica, à metapsicologia da repetição e à clínica contemporânea. A seleção das obras considerou sua pertinência direta para a compreensão clínica do caso do “Homem dos Lobos” e para a discussão epistemológica acerca do estatuto da repetição na teoria freudiana.

Por fim, a análise foi realizada mediante leitura e sistematização dos conteúdos relacionados à repetição, considerando especialmente sua manifestação no caso clínico, sua relação com as experiências infantis, os sintomas e o processo analítico, bem como sua posterior elaboração teórica por Freud. Os textos de Nagera, Kusnetzoff, Caropreso e Simanke, e Polizeli e Honda foram utilizados como fontes complementares para a compreensão e contextualização do conceito psicanalítico enfocado. Dessa forma, buscou-se estabelecer uma articulação entre o material clínico apresentado por Freud e suas formulações teóricas a respeito da repetição.

Resultados

Os resultados desta investigação teórico-conceitual revelam que a estrutura clínica do caso do “Homem dos Lobos” é governada por uma ordem lógica de repetições que ligam sua neurose infantil aos sintomas da idade adulta e à dinâmica do tratamento analítico.[1] A sistematização dos dados textuais permitiu mapear os achados estruturais em quatro momentos cruciais do desenvolvimento do paciente que estão listados e descritos a seguir.

O contato com a análise

Sergei Pankejeff – tratado no relato de Freud apenas por outros vocativos – tinha vinte e três anos quando ingressou em análise com Freud em fevereiro de 1910, após ter sua saúde física e mental colapsada aos dezoito anos devido a uma infecção gonorreica que o deixou inteiramente incapacitado e dependente.[1] Classificado anteriormente por psiquiatras alemães como portador de "insanidade maníaco-depressiva" (posição coerente com o histórico depressivo de seu pai), o paciente foi diagnosticado por Freud como portador de uma condição residual e permanente decorrente de uma gravíssima neurose obsessiva infantil mal resolvida, a despeito do enquadre diagnóstico defendido até então.[1]

No *setting* analítico, o analisando manteve-se por muito tempo velado sob uma atitude de amável apatia, docilidade e inércia intelectual.[1] Essa postura dócil, na verdade, funcionava como uma resistência inabordável contra o progresso do tratamento.[1] Para forçar o rompimento dessa defesa e mobilizar as forças instintuais reprimidas, Freud utilizou a inovação técnica de fixar um prazo definitivo e irrevogável para a conclusão do tratamento.[1-5] Sob a pressão desse limite temporal, a resistência do analisando cedeu, permitindo a emergência rápida e lúcida do material que possibilitou reconstruir sua neurose infantil.[1]

A sedução como forma de inicialização precoce

A história de vida do analisando revela que, até três anos de idade, ele era uma criança dócil e quieta.[1] O rompimento desse equilíbrio deu-se por dois fatores sexuais determinantes na infância:

- A sedução pela irmã mais velha: aos três anos e três meses, o paciente foi induzido a práticas sexuais passivas por sua irmã, que manipulava seu órgão genital e proferia histórias fantasiosas sobre a babá como forma de justificativa, alegando, por exemplo, que ela também executava tais práticas com outros homens[1].
- A ameaça de castração por Nanya (uma cuidadora a quem fundiu ao papel de mãe simbolicamente): ao tentar repetir passivamente a satisfação de ser tocado nos genitais, o menino exibiu seu pênis para a babá Nanya, que o repreendeu com seriedade e alertou que crianças que faziam aquilo ficavam com uma "ferida" (castração) no local[1].

Como consequência imediata da ameaça de Nanya, o paciente abandonou a masturbação genital[1]. Impedida de se manifestar na zona genital, sua libido regrediu para a fase de organização sádico-anal[1]. Essa regressão, por sua vez, impulsionou uma drástica transformação de seu caráter[i], que se tornou violento e irritável em razão de o prazer e agressividade serem confluentes nessa fase[1]. O menino, então, passou a direcionar essa agressividade para fora (sadismo), torturando pequenos insetos e animais (como moscas e besouros) e provocando constantemente a babá – causadora de seu sofrimento – mediante malcriações e comportamentos hostis, atormentando-a sem remorsos até fazê-la irromper em lágrimas.[1]

Em um segundo momento, esse mesmo impulso agressivo voltou-se para dentro, transformando-se em masoquismo (a busca de prazer por meio do sofrimento ou da punição). O impulso posteriormente encontraria na figura paterna o principal alvo, dado o seu retorno para a casa no outono[1]. Na mente inconsciente do menino, seus acessos de fúria e mau comportamento sistemático funcionavam como uma provocação para que o pai o castigasse com surras[1]. Esse castigo físico exercia um duplo papel psicológico: ao mesmo tempo que aliviava o profundo sentimento de culpa que o garoto sentia por seus desejos sexuais proibidos, também permitia que ele experimentasse uma satisfação erótica passiva e inconsciente proporcionada pela presença do pai.[1]

A reativação da Cena Primária e a fobia

Imediatamente antes do seu quarto aniversário, o paciente teve um terrível pesadelo que marcou o início formal de sua fobia infantil de animais.[1] Ele sonhou que a janela em frente ao pé de sua cama se abrira sozinha e viu seis ou sete lobos brancos sentados silenciosamente nos galhos

[i] Utilizado para designar a organização em que se fixa o ego para as suas tarefas defensivas e de adaptação. O caráter é constituído fundamentalmente por traços de caráter, entendidos como modos de reação permanentes e generalizados do ego a uma situação pulsional ou externa determinada[8].

de uma velha nogueira, olhando fixamente para ele com atenção absoluta.[1] A análise desse sonho permitiu a Freud[1] reconstruir a existência da Cena Primária[ii]:

- A cena: quando tinha um ano e meio de idade, durante uma tarde quente de verão, o analisando, que sofria de um acesso diário de febre decorrente de malária, acordou às cinco horas da tarde em seu berço no quarto dos pais e presenciou um coitus a tergo (coito por trás, à maneira dos animais) entre seus pais, repetido três vezes.[1] O menino pôde visualizar nitidamente os genitais de ambos[1], e essa experiência proporcionou material para as fantasias decisivas que viriam a ser fundamentais para o adoecimento neurótico do analisando.
- Interrupção da cena: tomado de excitação anal-passiva e sob a influência de sua constituição instintual, o bebê interrompeu a relação dos pais defecando em seu berço e utilizando o choro decorrente como pretexto de interrupção.[1]

Aos quatro anos, a recordação inconsciente dessa cena infantil precoce foi reativada por um sonho do Natal.[1] O sonho representava a realização alucinatória de seu desejo genital passivo de ser satisfeito pelo pai (ser copulado por ele) assim como vira ocorrer com a mãe[1]. Contudo, a constatação de que a posição feminina e a cópula com o pai exigiam a castração colidiu frontalmente com seu narcisismo genital masculino.[1] O ego do analisando, defendendo-se desse perigo, reprimiu a atitude homossexual passiva e converteu a libido correspondente em angústia fóbica, projetando o medo do pai no animal temido: o lobo ereto (que repetia a postura vertical do pai no ato sexual da cena primária).[1]

A repetição somática e erótica na vida adulta

A compulsão à repetição governava rigidamente os padrões eróticos e somáticos do analisando na vida adulta, confirmando a persistência das marcas infantis no corpo e na escolha de objeto:[1]

- A condição de amor compulsiva: o analisando sofria de paixões físicas violentas e compulsivas por mulheres de humilde extração social (criadas e camponesas).[1] O tratamento revelou que ele repetia inconscientemente a Cena Primária e, por conseguinte, só conseguia obter excitação sexual e se apaixonar se a parceira assumisse a posição horizontal traseira (a tergo), facilmente adotada durante a execução de tarefas domésticas na época. Assim, repetia rigidamente o padrão visual de excitação de sua infância.[1]
- A sintomatologia intestinal: o sintoma mais persistente do analisando na idade adulta – a constipação crônica intratável que exigia a aplicação mecânica de enemas por enfermeiros homens – representava a repetição somática de sua atitude homossexual passiva em

[ii] Cena de relação sexual entre os pais, observada ou suposta segundo determinados índices e fantasiada pela criança, que é geralmente interpretada por ela como um ato de violência por parte do pai[8].

relação ao pai.[1] Para o analisando, o enema repetia mecanicamente a cópula paterna sofrida pela mãe.[1]

Discussão

Os achados deste estudo demonstram que a repetição se manifesta no caso do "Homem dos Lobos" como o fio condutor que unifica a clínica e a teoria psicanalítica. Ao se confrontarem as evidências textuais com a literatura de comentadores, percebe-se que a noção de repetição sofreu um deslocamento epistêmico fundamental na obra de Freud. Em *Recordar, repetir e elaborar* (1914), a repetição era definida em termos descritivos e clínicos como uma resistência à recordação: o paciente atua (*acts out*) suas inibições e traços patológicos na transferência com o analista por não conseguir lembrá-los.[4] No caso do analisando, essa dinâmica clínico-transferencial manifestou-se, a fim de exemplificação, no olhar compulsivo que ele fixava no relógio de pé da sala de análise, repetindo uma cena fantasiosa do conto "O lobo e os sete cabritinhos" que ouvira na infância, mais especificamente a cena do cabritinho mais novo que se escondeu na caixa do relógio para não ser devorado pelo lobo (analista).[1]

Contudo, a análise aprofundada da neurose infantil do analisando exigiu um salto conceitual que culminou em *Além do princípio de prazer* (1920).[2-3] Naquele momento, Freud constatou que a repetição não servia meramente ao princípio de prazer, pois reatualizava experiências que nunca, em tempo algum, trouxeram satisfação.[3] Como elucidam Nagera[2] e Kusnetzoff[3], a partir de experiências dadas como traumáticas, nosso aparelho psíquico – inundado por uma alta carga energética que, para fins de evitar um colapso, precisa ser ligada – vê-se confrontado por uma quantidade de sofrimento intensa e desorganizada (a energia livre). A função principal do ato de repetir é capturar e ligar essa angústia que ficou solta, haja vista que só depois que essa carga dolorosa é contida e organizada é que a mente se torna capaz de digeri-la e começar a buscar algum tipo de alívio ou bem-estar.

Do ponto de vista da história da metapsicologia, Caropreso e Simanke[6] demonstram que essa virada teórica de 1920 representa, em essência, um retorno de Freud às suas hipóteses fundamentais formuladas no *Projeto de uma Psicologia*, de 1895. Naquela obra inicial, Freud já havia descrito a "vivência de dor" como uma irrupção maciça de excitação que exigia do Ego uma ligação trabalhosa e repetitiva, um processo primário inevitável até que a energia livre fosse domada[6]. Esse modelo do trauma e do esforço de ligação egoico, que havia sido deixado de lado a partir de *A interpretação dos sonhos* (1900) para privilegiar a realização de desejo e a vivência de satisfação, é recuperado em 1920 para dar conta dos fenômenos clínicos que escapavam ao princípio de prazer.[5-6]

No paciente, a Cena Primária ocorrera quando ele tinha apenas um ano e meio de idade, momento em que seu aparelho psíquico era imaturo para processar e ligar a imensa excitação sexual testemunhada.[1] O evento atuou como um trauma na medida que, como supracitado, proporcionou uma superexcitação, ou seja, uma inundação energética com a qual o psiquismo não tinha recursos para lidar.[5] Sob a perspectiva da metapsicologia madura de Freud, essa inundação energética pode ser compreendida em sua relação estreita com a pulsão de morte em estado

desfusionado – situação em que as pulsões de vida (Eros)[iii] e de morte (Tânatos)[iv] encontram-se separadas e sem a influência moderadora uma da outra –, operando de forma independente, caótica e desorganizada.[7]

Desse modo, o sonho do lobo aos quatro anos e a subsequente fobia repetitiva não eram meras realizações de desejos, mas sim tentativas, sob o comando da compulsão à repetição, de dominar retrospectivamente a excitação traumática não ligada da Cena Primária.[1] Esse esforço do Ego representa, conforme discutem Polizeli e Honda[7], a busca por uma fusão pulsional. Ao enlaçar a energia destrutiva do trauma (pulsão de morte) com os investimentos libidinais de Eros (pulsão de vida), o Ego do analisando cria uma representação fóbica (o medo do lobo ereto).[1] Essa fusão pulsional, coordenada pelo Ego, retira a angústia de seu estado puramente somático e desligado, conferindo-lhe uma via de representação e palavra que permite, finalmente, que o sofrimento seja escutado e trabalhado na transferência analítica.[7]

As limitações do presente estudo vinculam-se à sua natureza estritamente teórico-conceitual e documental, baseada no recorte de obras específicas da teoria freudiana clássica e de comentadores selecionados. Não obstante, os caminhos abertos por esta investigação convidam a futuras análises que articulem a compulsão à repetição com as patologias contemporâneas em que a dor física e somática repete de forma obstinada o sofrimento psíquico não simbolizado. Nesses quadros, o manejo clínico se distancia da pura interpretação intelectual das representações e passa a exigir do terapeuta uma função de presença e suporte libidinal ativo, atuando como um objeto disponível para amparar o Ego do paciente no laborioso trabalho de construção de novas amarras e ligações psíquicas.[7]

Considerações Finais

Este estudo teórico-conceitual permitiu demonstrar a coerência interna e a linearidade do caso do "Homem dos Lobos" sob o prisma da noção de repetição na teoria freudiana. Nesse contexto, as contribuições teóricas e científicas deste trabalho residem na elucidação de que a repetição de sintomas dolorosos e de padrões destrutivos pelo paciente não é mera falha ou teimosia do Ego, mas uma exigência biológica e primitiva do aparelho psíquico para ligar retrospectivamente o excesso de excitação traumática. Destarte, o que se encontra na base da repetição é a busca por prover um destino para a energia psíquica suscitada durante etapas de inviabilidade em lidar com tal excesso em razão de haverem ocorrido em momentos arcaicos da constituição do psiquismo quando este ainda não possuía recursos para dar conta de uma descarga adequada do excesso de excitação. A repetição visaria, então, a promover possibilidades de descarga energética, mesmo que *a posteriori*.

Por fim, destaca-se que a aplicabilidade prática desses achados para o exercício profissional da psicologia e da psiquiatria contemporâneas reside na ressignificação técnica e ética do manejo

[iii] As pulsões de vida, também chamadas Eros, correspondem à tendência a ligação, união, conservação e constituição de unidades cada vez mais complexas. Incluem tanto as pulsões sexuais quanto as pulsões de autoconservação.
[iv] É uma categoria fundamental de pulsões que se contrapõe às pulsões de vida e tende à redução completa das tensões, buscando reconduzir o ser vivo a um estado inorgânico.

clínico da compulsão à repetição.[7] O caso clínico ensina que o terapeuta deve abdicar de qualquer ambição terapêutica de curto prazo e comportar-se de modo tão atemporal quanto o inconsciente do analisando, fornecendo o tempo e o espaço necessários para o laborioso processo de elaboração das resistências.[1-4] Para a metapsicologia, essa elaboração passa a ser compreendida como um esforço contínuo de ligação de excitações outrora livres, traumáticas, desvinculadas.[5-7] Nesse cenário, a transferência ultrapassa a mera interpretação intelectual de representações reprimidas: o analista oferece a si mesmo como um suporte afetivo e um objeto libidinal ativo para o Id do paciente, auxiliando o Ego no enlace e na fusão das forças destrutivas e mudas da pulsão de morte.[7] Logo, é essa presença clínica constante que serve de termômetro para o encontro pulsional, viabilizando que a dor antes indizível e somatizada possa, gradualmente, realizar a transição de processos primários caóticos para processos secundários de representação e simbolização.[7]

Dessa forma, a compreensão da compulsão à repetição como uma força estruturante convida a clínica contemporânea a sustentar uma escuta profundamente atenta à singularidade e à complexidade do sofrimento psíquico.[7] Longe de buscar respostas padronizadas ou meramente adaptativas, o resgate desse operador teórico freudiano reafirma o valor ético da psicanálise em acolher o sujeito em suas amarras mais íntimas, abrindo espaço para que a experiência traumática possa, enfim, ser elaborada na transferência e traduzida em novas amarras de palavra.[4,7]

Referências

1. Freud S. História de uma neurose infantil (1918). In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago; 1976. Vol. XVII. p. 13-206.

2. Nagera H, organizador. Conceitos psicanalíticos básicos da teoria dos instintos. São Paulo: Cultrix; 1970. p. 88-91.

3. Kusnetzoff JC. Introdução à psicopatologia psicanalítica. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1982. p. 148-151.

4. Freud S. Recordar, repetir e elaborar (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II) (1914). In Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago; 1976. Vol. XII. p. 191-206.

5. Freud S. Além do princípio do prazer (1920). In Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago; 1976. Vol. XVIII. p. 13-79.

6. Caropreso F, Simanke RT. Compulsão à repetição: um retorno às origens da metapsicologia freudiana. Psicol Estud. 2006; 11(3):621-30.

7. Polizeli C, Honda H. Uma leitura metapsicológica sobre a compulsão à repetição e suas potencialidades terapêuticas. Psicol Estud. 2023; 28:e47288.

8. Laplanche J, Pontalis JB. Vocabulário da psicanálise. São Paulo: Martins Fontes; 2001.

ABSTRACT

This article aims to analyze the characterization and development of the concept of repetition in the work of Sigmund Freud, along with some of its implications for psychoanalytic clinical practice, using the "Wolf Man" case as an analytical operator. It is a qualitative, theoretical-conceptual bibliographic study, conducted through a textual analysis of three primary works by Freud (*From the History of an Infantile Neurosis*; *Remembering, Repeating and Working-Through*; and *Beyond the Pleasure Principle*) and four works by commentators (Nagera; Kusnetzoff; Caropreso and Simanke; and Polizeli and Honda), with no collection of empirical data. The findings demonstrate that repetition manifests in a linear and cohesive manner across three levels of the case: the clinical-transference level (phobic enactment and the re-actualization of Oedipal and oral-sadistic impulses toward the analyst); the behavioral level (object choice involving *a tergo*—from behind—intercourse, and chronic constipation as an enactment of a passive-homosexual attitude toward the father); and the metapsychological level (as an effort by the ego to retrospectively bind the traumatic excitation of the Primal Scene). It is concluded that the compulsion to repeat, in Sigmund Freud’s work, reveals itself as a conservative biological and instinctual force—preceding and independent of the pleasure principle—whose energetic binding facilitates its management and working-through within the clinical transference.

Keywords: Repetition. Wolf Man. Metapsychology. Freudian psychoanalysis.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo analizar la caracterización y el desarrollo del concepto de repetición en la obra de Sigmund Freud, así como algunas de sus implicaciones para la práctica clínica psicoanalítica, tomando como operador analítico el caso del «Hombre de los Lobos». Se trata de una investigación bibliográfica cualitativa de carácter teórico-conceptual, realizada mediante el análisis textual de tres obras primarias de Freud (*Historia de una neurosis infantil*, *Recordar, repetir y reelaborar* y *Más allá del principio del placer*) y de cuatro trabajos de diversos autores (Nagera, Kusnetzoff, Caropreso y Simanke, y Polizeli y Honda), sin recolección de datos empíricos. Los hallazgos demuestran que la repetición se articula de manera lineal y coherente en tres niveles del caso: clínico-transferencial (actuación fóbica y reactualización de impulsos edípicos y orales-sádicos con el analista); conductual (elección de objeto bajo la postura *a tergo* y estreñimiento crónico como puesta en escena de una actitud pasivo-homosexual hacia el padre); y metapsicológico (como un esfuerzo del yo por ligar retrospectivamente la excitación traumática de la Escena Primaria). Se concluye que la compulsión a la repetición, en la obra de Sigmund Freud, se revela como una fuerza biológica e instintual conservadora —anterior e independiente del principio del placer—, cuya ligazón energética hace posible el manejo y la elaboración en la transferencia clínica.

Palabras clave: Repetición. Hombre de los Lobos. Metapsicología. Psicoanálisis freudiano.

COMO CITAR

VANCOUVER

Silva HRS, Puertas KC. A noção de repetição no caso freudiano “o homem dos lobos” e algumas de suas implicações para a clínica psicanalítica. RICSS - Revista Interdisciplinar em Ciência, Saúde e Sociedade. 2026;1(1):e150. DOI: https://doi.org/10.67683/XXXX-XXXX.2026v1n1.e150.

APA

Silva, H. R. S., & Puertas, K. C. (2026). A noção de repetição no caso freudiano “o homem dos lobos” e algumas de suas implicações para a clínica psicanalítica. RICSS – Revista Interdisciplinar em Ciência, Saúde e Sociedade, 1(1), e150. https://doi.org/10.67683/XXXX-XXXX.2026v1n1.e150

ABNT

SILVA, H. R. S.; PUERTAS, K. C. A noção de repetição no caso freudiano “o homem dos lobos” e algumas de suas implicações para a clínica psicanalítica. **RICSS – Revista Interdisciplinar em Ciência, Saúde e Sociedade**, Ivatuba, v. 1, n. 1, e150, 2026. DOI: https://doi.org/10.67683/XXXX-XXXX.2026v1n1.e150.